

as têm hoje é como sair da armadilha idealista e adotar uma perspectiva realista do mundo “máximo de dimensões possíveis”

Foto: Arquivo Edgard Leuenroth



rios órgãos do governo federal, mas o problema do desmatamento é muito grave. Como as dimensões espaciais são enormes, o desmatamento ocorre ao mesmo tempo no Norte do Mato Grosso, no Sul do Pará, na Terra do Meio, no Sul do Amazonas. A complexidade de lidar com esse território é enorme; patrulhar um espaço dessa magnitude é complicado. Um outro problema é que o sistema legal nacional não está aparelhado. Se existisse uma forma de

coibir a grilagem de terras, ou seja, o registro ilegal de terras públicas pelos madeireiros, uma parte substancial do desmatamento ilegal não aconteceria. Sabemos que o desmatamento ocorre numa frequência muito menor nas áreas indígenas e florestas nacionais. A razão é que essas áreas estão demarcadas, os cartórios não podem registrá-las. Assim, devemos considerar a demarcação das terras indígenas e dos parques nacionais como uma con-

quista da sociedade para preservar um pedaço da Amazônia, mas o resto é alvo de um grande processo de apropriação fundiária pessimamente controlado. Se todo o território brasileiro estivesse mapeado no computador, para usar uma metáfora de hoje, não haveria o maior motivador do desmatamento desenfreado, que é a especulação. Precisamos assim ter instrumentos legais muito mais fortes em relação à nossa capacidade de gestão do território.

A lição de casa

Para transpor o fosso epistemológico é preciso construir uma ponte com duas mãos. Os pesquisadores das ciências naturais e exatas também precisam fazer um substancial dever de casa para poder atuar na área multidisciplinar. O diálogo requer dois lados e, nesse ponto, os clássicos das ciências humanas são uma leitura que não são uma questão exclusiva dos cientistas de humanidades. Um cidadão informado não pode desconhecê-los. Por sorte, apesar de estudar numa escola com grande viés técnico (ITA), tive a sorte de conviver com colegas de mente aberta, muitos dos quais estão hoje na Unicamp, como os professores Brito Cruz [reitor], Carlos Pacheco [IE] e Renato Pedrosa [Imecc]. Formávamos uma espécie de grupo de estudos, e buscávamos ver além da engenharia. De minha parte, tenho um enorme dever de casa ainda incompleto. Além de ler os clássicos como Marx, Gramsci, Popper, Adorno, Benjamim, Braudel, Habermas, Bobbio, é preciso manter-se minimamente atualizado com as “novidades” e ter uma bagagem básica em Rawls, Searle, Amartya Sen, Harvey, Gibbons, e Castells. Isto sem falar na neurociência e na genética: Dawkins, Pinker, e Damasio. O espaço multidisciplinar é muito bonito na conversa, mas sem um mínimo de bagagem intelectual e de lustro – que só vem com muito contato e experiência –, não se conseguiria entender o outro. Resumo da história: existe um novo paradigma multidisciplinar. Só que ele não pode rejeitar – pelo contrário, ele reafirma – as técnicas da ciência estabelecida. Continuam valendo as coisas básicas: o mundo é maior que a gente, e fazemos conjecturas sobre o mundo. E essas conjecturas de alguma maneira a gente tem que poder refutar, testar e avaliar. Os físicos vêm fazendo isso desde sempre. A novidade é que os profissionais das ciências humanas têm agora a possibilidade de, num contexto limitado, também lançar mão disso. Tenho ainda a felicidade de continuar interagindo com núcleos de competência como o Nepo/Unicamp, o Cebrap, o NEPSAS/PUC-SP, a Fiocruz. E o mais interessante é que continuamos cheios de dúvidas. Mas, a longo prazo, espero, – pois sou otimista – a racionalidade acabará prevalecendo, do contrário o Brasil teria explodido há muito tempo.



Intersecções de disciplinas, a aposta

A interdisciplinaridade será debatida na terceira edição do Seminário “Diversidade na Ciência – uma reflexão sobre o conhecimento e seu modo de produção”, que a Unicamp promove no próximo dia 11 (quarta-feira). Organizado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, o evento, que integra a série “Seminários Unicamp”, terá a participação dos professores e pesquisadores Cláudio Augusto Sampaio (Unifesp), Dimas Floriani (UFPR), Enrique Leff Zimmerman (PNUMA, México) e Gilberto Câmara (Inpe).

Segundo o pró-reitor de Pós-Graduação, professor Daniel Hogan, o evento, diferentemente das duas edições anteriores, nas quais predominaram as discussões acerca das fronteiras da ciência, vai mostrar as peculiaridades da inter/multidisciplinaridade. “Os quatro conferencistas têm vasta experiência na criação e na consolidação de campos multidisciplinares”. De acordo com Hogan, a mensagem principal da série de seminários organizados pela PRPG é justamente a de insistir que o futuro da ciência não pode ficar vinculado apenas ao desdobramento das disciplinas tradicionais. “É preciso apostar cada vez mais nas intersecções das disciplinas”.

Nesse contexto, o pró-reitor lembra que o seminário acontece justamente na véspera da aula inaugural da primeira turma do doutorado em Ambiente e Sociedade, do Nepam (Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais), cuja abertura, às 10 horas do dia 12 (quinta-feira), no auditório do Nepam, será feita com palestra do reitor Carlos Henrique de Brito Cruz. “O curso do Nepam corporifica exatamente essa idéia de interdisciplinaridade. O que vai marcar o crescimento da pós-graduação no futuro é o investimento nas intersecções. Estamos querendo criar um clima crítico e favorável para que isso aconteça”, afirmou Hogan.

O professor Daniel Hogan, pró-reitor de Pós-Graduação: “Conferencistas têm vasta experiência na consolidação de campos multidisciplinares”

Seminário Diversidade na Ciência III – uma reflexão sobre o conhecimento e seu modo de produção

Local: Auditório da Faculdade de Ciências Médicas
Rua Tessália Vieira de Camargo, No. 126

Dia 11/08/2004

8:30 h: Abertura

9:00 h: Dimas Floriani (UFPR, Curitiba, PR)
Produção de Conhecimento: Possibilidades e Obstáculos para um Diálogo de Saberes

10:30 h: Enrique Leff Zimmerman (PNUMA, México, DF)
Diversidade na Ciência e Diálogo de Saberes

14:00 h: Gilberto Câmara (INPE, São José dos Campos, SP)
O Conhecimento como Construção: A Epistemologia da Representação Computacional de Conceitos Multidisciplinares

15:30 h: Claudio Augusto Sampaio (UNIFESP, São Paulo, SP)
Multidisciplinaridade, uma das Estratégias de Formação de Quadros Qualificados

Mais Informações: fone (19) 3788-4729 (Kelly);
kelly@reitoria.unicamp.br
homepage: <http://www.prpg.unicamp.br/>

Foto: Antoninho Perri

